**ELE PODE... ELA NÃO?! REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA MUNICIPAL SEVERINO BEZERRA**

José Irismá Carlos Júnior

Discente do Curso de Educação Física-CAMEAM/UERN

irisma\_carlos@hotmail.com

Luana Holanda de Sousa

Discente do Curso de Educação Física-CAMEAM/UERN

[luanahollan@gmail.com](mailto:luanahollan@gmail.com)

Bertulino José de Souza

Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

[bj\_panorama@hotmail.com](mailto:bj_panorama@hotmail.com)

Hudson Pablo de Oliveira Bezerra

Professor do IFRN Campus Caicó

[hudson.bezerra@ifrn.edu.br](mailto:hudson.bezerra@ifrn.edu.br)

RESUMO: Preocupados em compreender os espaços dos alunos e das alunas no contexto das aulas de Educação Física ao abordar o conteúdo esporte, trazemos como objetivo para esse trabalho compreender as percepções dos discentes sobre o espaço dos alunos e das alunas nas práticas esportivas nas aulas de Educação Física escolar da Escola Municipal Severino Bezerra como ação do Projeto de Iniciação Científica PIBIC 2017 – 2018, com o título Meninos e Meninas: Eu posso... ela não?! Um estudo sobre as práticas esportivas na Educação Física. A referida escola fica localizada no bairro São Benedito, na cidade de Pau dos Ferros – RN. Metodologicamente esse trabalho foi desenvolvido dentro de uma abordagem de pesquisa qualitativa e utilizou como técnica de pesquisa o grupo focal. Para coleta de dados foi realizada uma entrevista com alunos da turma de 7º ano da referida escola. A partir das discussões realizadas ficou evidente que a Educação Física presente na realidade escolar deve contribuir para a formação de alunos críticos e emancipados, dispostos a lutar pela igualdade de oportunidades e acesso nos espaços sociais, especialmente, com base no debate aqui traçado, as práticas esportivas para todos, independentemente do gênero. Ao discutirmos sobre essas questões, antes de afirmarmos uma identidade padrão e única, queremos a construção de cenários democráticos, igualitários para os diferentes, ou seja, oportunizando condições diferentes para sujeitos também diferentes, mas que ao final, oportunize a todos vivenciar situações sociais significativas a sua existência, tais como os esportes.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física. Esportes. Gênero.

INTRODUÇÃO

No contexto da Educação formal, o ambiente escolar é espaço especial para a construção de saberes a partir da interação entre os diferentes sujeitos que o compõem, sejam eles alunos, professores, técnicos e outros. Todavia, a construção desses saberes vai além das aulas e se faz também presente nos diferentes momentos e espaços que os sujeitos possuem para trocar experiências, conviver e dialogar.

Dentre esses espaços, compreendemos que os cenários das práticas corporais potencializam a interação entre os sujeitos a partir das possibilidades de romper com alguns formalismos e controles exercidos no ambiente escolar e oportunizar uma maior liberdade aos corpos de se expressarem pelas suas diferentes possibilidades de linguagem. Assim, conforme as características evidenciadas acima, direcionaremos nossos olhares sobre as práticas esportivas para que possamos extrair dos momentos de interação oportunizados por elas elementos importantes para compreensão do contexto social em que ocorrem.

Deste modo, embora reconheçamos a presença de alunos e alunas presentes na vivência de práticas corporais esportivas, chamou-nos atenção em recente atuação como estagiários do Programa de Iniciação a Docência – PIBID na Escola Municipal Severino Bezerra, o fato de que a predominância nas mesmas se faz pelos indivíduos do sexo masculino. No contexto das aulas de Educação Física, essa situação se reproduz e sentimos uma resistência de muitas alunas para se incorporarem nas práticas quando o esporte é o conteúdo utilizado. Sabemos que esse fato não é tão simples quanto poderíamos pensar em uma rápida análise, mas reproduz inúmeros comportamentos da sociedade, especialmente aqueles, que excluem e inferiorizam a presença feminina.

Diante dessa realidade, que predomina e quase torna exclusiva a prática esportiva aos indivíduos do sexo masculino, sentimos a necessidade de refletir sobre esse cenário, desconstruir ideias e possibilitar caminhos a mudança e a democratização do mesmo, fazendo com que se estenda ao feminino, acolhendo e elevando – as à condição de protagonistas e responsáveis pelas práticas esportivas.

Para tanto, preocupados em compreender os espaços dos alunos e das alunas no contexto das aulas de Educação Física ao abordar o conteúdo esporte, trazemos como objetivo para esse trabalho – uma ação do Projeto de Iniciação Científica PIBIC 2017 – 2018, com o título Meninos e Meninas: Eu posso... ela não?! Um estudo sobre as práticas esportivas na Educação Física, cuja meta foi compreender as percepções dos discentes sobre o espaço dos mesmos nas práticas esportivas nas aulas de Educação Física escolar da Escola Municipal Severino Bezerra. A referida escola fica localizada no bairro São Benedito, na cidade de Pau dos Ferros – RN. Assim, esse trabalho emerge a partir da nossa atuação enquanto estagiários do PIBID durante o processo de formação enquanto licenciados em Educação Física pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, no *Campus* Avançado “Profª. Maria Elisa de Albuquerque Maia” – CAMEAM.

Em sua organização metodológica, esse estudo se embasa na abordagem de pesquisa qualitativa. Nessa abordagem, Godoy (1995, p. 57) afirma que:

Um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar" o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.

Assim, realizamos observações do contexto de ensino e para captarmos as compreensões dos alunos foi preciso fazer com que os mesmos expressassem seus entendimentos e com isso revelassem o imaginário do qual eles compartilham sobre o gênero no cenário do esporte enquanto conteúdo da Educação Física escolar, visto que, como sujeitos sociais as suas compreensões são moduladas pelos contextos históricos, culturais e sociais em que se inscrevem.

Assim, como técnica de pesquisa nos amparamos no grupo focal. Para Morgan (1997) o grupo focal como uma técnica de pesquisa qualitativa oportuniza a partir de entrevistas realizadas em grupo a coleta de informações por meio das interações dos sujeitos. Caracteriza-se pelo encontro de diversas pessoas em um mesmo ambiente que passam a participar de um processo de interação e posicionamento, com base em um tema ou diferentes temas. Nela, captura-se a narrativa e problematiza-se, até extrair um substrato que revele o que de fato, o grupo pensa.

Para tanto, realizamos uma entrevista com a turma do 7º ano no dia 12 de abril de 2018. Integraram essas entrevistas os alunos de ambos os sexos na faixa etária de 12 a 14 anos. Fizemos o uso do aparelho celular como gravador para capturar as respostas das perguntas pré-estabelecidas e os demais elementos surgidos ao longo da entrevista. Adiante estarão explicitadas algumas discussões teóricas sobre a Educação Física, gênero e os pontos mais pertinentes quanto às narrativas do grupo entrevistado.

EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE: OLHAR DISCENTE SOBRE ESPAÇOS MASCULINOS E FEMININOS

A Educação Física como componente curricular da educação escolar oportuniza aos alunos a vivência de práticas e a construção de saberes a partir do corpo em movimento como possibilidade de linguagem. De acordo com Bezerra (2016, p. 241):

A Educação Física, enquanto área de produção e aplicação do conhecimento, encontra no corpo em movimento compreensões, saberes e práticas que permitem estabelecer diálogos entre os sujeitos e a cultura na qual estão inseridos. Esse entendimento se sustenta nos discursos que conferem à Educação Física a responsabilidade de abordar pedagogicamente seus conhecimentos a partir do que denomina de cultura de movimento.

Desse modo, a partir da cultura de movimento a mesma pode tematizar e vivenciar os conteúdos da ginástica, do jogo, da dança, da luta, dos esportes e outros. As aulas de Educação Física são palco de inúmeras possibilidades didáticas que permitem abordar conteúdos diversos e dialogar com temas transversais, abrindo espaço para assuntos como sexualidade, desigualdade de gênero, preconceito e diferenças socioculturais.

Com isso, para Guimarães (2010, p. 6):

A escola deve possibilitar o desenvolvimento do pensamento crítico a partir da compreensão sobre as diferenças corporais e sexuais que culturalmente se cria na sociedade, possuindo papel fundamental na desmistificação destas diferenças, além de ser um importante instrumento na construção de valores e atitudes, que permitam um olhar mais crítico e reflexivo sobre as identidades de gênero e sexual.

Dessa maneira, concordamos com as afirmações de Guimarães (2010) e vemos a importância desse debate no ambiente escolar. Para a Educação Física onde o corpo se coloca em maior evidência em suas diferentes possibilidades de expressão, esse debate deve ser ainda mais intenso, visto que, antes de acentuarmos diferenças como limitantes é preciso evidenciá-las como possibilidades de construção de saberes significativos ao cidadão crítico e a uma sociedade justa aos sujeitos que nela habitam.

Com isso em mente, entendemos que nossa sociedade historicamente é responsável por criar representações e distinções dos quais hierarquiza um gênero do outro, ou seja, permite espaços maiores para homens do que para mulheres. Para reforçar esse fato, podemos emitir um dado histórico sobre esporte, pois Vigarrelo (2013) afirma “o esporte é uma prática que originalmente foi concebida para ser praticada apenas por homens”.

Assim sendo, atualmente existem pesquisas que interseccionam relações de gênero e Educação Física escolar que tomam o esporte como uma prática de significativas experiências dessas desigualdades. Estas pesquisas mostram ainda que mulheres vem reivindicando e conquistando espaços em diferentes campos esportivos, modificando as relações sociais neste campo, de uma lógica onde apenas os homens tinham voz e vez para uma situação igualitária. Estamos longe da concretização dessa igualdade, mas com as lutas efetivadas, muitas conquistas se fizeram reais.

Com isso, Louro (2003, p. 58) acrescenta nesse discurso apontamentos sobre o papel da escola e sua parcela de responsabilidade dessa desigualdade, que ainda é marcante, quando diz que “a escola delimita espaços... afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o ‘lugar’ dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas”. Cabe a escola desconstruir esses discursos normatizadores e excludentes do masculino e do feminino.

Em nosso estudo, nossas atenções voltaram-se ao modo como os espaços masculinos e femininos são construídos e naturalizados dentro do cenário da Educação Física escolar, especialmente quando tratam do conteúdo esporte. É preciso compreender que “O fenômeno esporte tem ocupado um lugar de destaque na sociedade contemporânea, constituindo-se como um dos mais importantes objetos de análise, não apenas das ciências do esporte, mas também de múltiplas abordagens literárias” (CARLAN, KUNZ e FENSTERSEIFER, 2012, p. 55).

Deste modo, o esporte é assim muito mais do que disputas efetivadas entre sujeitos e grupos, domínio técnico e tático, competições e outros. O esporte é um fenômeno social de expressão e comunicação, é linguagem que produz sentidos e compartilha tantos outros já construídos socialmente. Ele é histórico, cultural e social e se materializa a partir dos corpos em movimento.

Assim, ao compreender o esporte nessa complexidade precisamos refletir sobre os saberes e práticas do mesmo para que no contexto da Educação Física sejam problematizados e descontruídos muitos dos seus vícios que prejudicam um desenvolvimento social democrático para homens e mulheres em suas práticas. É preciso superar o seu fazer hegemônico e exclusivo na Educação Física, mas o mesmo não pode ser negado e muito menos as contribuições possíveis de efetivação por meio dele.

Na realidade aqui investigada, as aulas de Educação Física são ministradas por uma professora com formação em Educação Física e estão organizadas de modo a incluir meninos e meninas juntos nas práticas. Todavia, em nossas observações ficou evidente que ao trabalhar o esporte enquanto conteúdo ocorre em muitos momentos uma separação que parece naturalizada para os alunos e também para professora, fato que contribuiu com mais inquietações para, a partir do olhar dos discentes, discutirmos sobre os espaços dos meninos e das meninas no esporte.

Tendo isso em conta, compartilharemos aqui alguns dos elementos que receberam destaque durante a entrevista com o grupo focal da turma de 7º ano da Escola Municipal Severino Bezerra. Apresentaremos os resultados evidenciando os elementos mais marcantes na percepção dos alunos acerca dos espaços masculinos e femininos nas práticas esportivas da Educação Física na escola. A realização dessa entrevista objetivou contribuir com o nosso processo de formação de licenciados em Educação Física, visto que, para planejarmos é preciso antes conhecer a realidade. Assim, para que possamos pensar intervenções no espaço da Educação Física no que diz respeito a construção de oportunidades igualitárias aos meninos e meninas, é preciso conhecer como essa realidade está estabelecida para planejarmos e efetivarmos as mudanças.

Assim, com o grupo focal do 7º ano, realizamos a entrevista durante o horário da aula de Educação Física. Para a realização da mesma, contamos com a colaboração da professora de Educação Física da turma, na ocasião tivemos um total de 14 alunos para serem entrevistados.

Dessa maneira, ao iniciarmos a entrevista, questionamos os alunos sobre o que eles pensam em relação a divisão de meninos e meninas quando praticam aulas de Educação física? Tivemos com esse questionamento situações que defendiam ou criticavam a prática conjunta. Para os alunos deve-se “*brincar ao mesmo tempo. Se dividir um lado, o outro, os meninos ou as meninas vão pensar que é injusto*”, afirmou um aluno. Além disso dizem que “*ninguém é melhor do que ninguém*”, afirmou uma aluna. Todavia, na contramão tivemos argumentos que discordavam da união dos mesmos no mesmo cenário, trazendo para justificar tal fato a ideia de força: “*as meninas são mais frágeis do que os meninos... os meninos são mais fortes*”, afirmou uma aluna.

Com isso, vemos que ao mesmo tempo em que algumas meninas acham injusto a separação na hora da aula, outras usam o argumento que são mais frágeis que os meninos dando a entender que elas podem se machucar durante as atividades. O medo de se machucar é uma constante na vida de todas as pessoas, especialmente dos alunos, quando se sentem inseguros sobre seus corpos na realização de atividades que o colocam em movimento. Além disso, encontram apoio também no discurso de muitos pais que por cuidado com a integridade física dos mesmos, reforçam estereótipos para terem cuidado com as lesões, aconselhando em muitos momentos o distanciamento das práticas corporais, especialmente para as meninas.

Entende – se, que o esporte enquanto manifestação cultural traz em suas realizações a complexidade das estruturas sociais. Ele é, conforme Franco (2016, p. 665) “compreendido como um fenômeno socialmente construído ao longo da história e perpetuador da hegemonia masculina, o esporte tem sustentado seus regimes de verdade nas diferenças biológicas do corpo humano”. O mesmo se apega em muitos cenários nessas diferenças para justificar exclusões, em vez de, a partir delas, repensar espaços inclusivos.

Além disso, Franco (2016, p. 665-666) fala sobre o modo como a sociedade construiu um cenário de exclusão dentro do esporte para as mulheres, demonstrando a partir disso ignorâncias e falta de conhecimento sobre o corpo feminino e suas possibilidades nos espaços de movimento. Para ele, “o esporte como uma prática que poderia machucar, masculinizar e/ou comprometer as funções reprodutivas das mulheres é posto em suspensão, demonstrando muito mais ignorâncias sobre a feminilidade, que verdades sobre esse campo”.

Com isso, para Jaeger (2006, p. 200) ao falar sobre os acessos e posições desiguais do esporte para homens e mulheres o mesmo destaca que:

As relações de poder exercidas entre homens e mulheres no campo esportivo, tem se configurado em posições e acessos extremamente desiguais. Argumentos apoiados em justificativas biologicistas foram/são empregados para respaldar o domínio masculino não só no esporte, mas também em outras instâncias sociais. Classificando homens e mulheres a partir das suas diferenças sexuais, busca-se também distinguir a feminilidade da masculinidade, naturalizando desigualdades.

Desta forma, ao colocarmos meninos e meninas para conviverem juntos nos diferentes cenários do ensino, independente do conteúdo, faremos com que os mesmos desenvolvam atitudes de respeito e aceitação a partir das compreensões das diferenças. No entanto, com o conteúdo esporte os mesmos perceberão também que as diferenças de habilidades não se tratam apenas de uma questão sexual/biológica, mas das experiências vivenciadas anteriormente por cada um. Além disso, permitirão construir novos entendimentos sobre os diferentes modos de ser masculino e feminino no universo atual, rompendo com isso ideologias de normalidade estabelecidas e reforçadas por inúmeras instituições sociais como igrejas, mídias, entre outros. Os maiores problemas sociais de inferiorização da mulher e afirmação de uma superioridade masculina, se devem a segregação efetivada entre as funções, os lugares e os direitos dos mesmos.

Nesse sentido, colocamos uma situação problema para discussão: “o time de pelada masculino da escola está sendo formado depois da aula. Na situação, falta um jogador e é sugerido que uma menina entre pra jogar. Na opinião de vocês, ela será aceita ou não no time?” Obtivemos desse questionamento diferentes opiniões: "*não, ela não vai ser aceita porque os meninos não vão gostar de uma mulher no time. Por que ela é mulher e tem mulheres que não sabem jogar futsal*”, afirmou um aluno; “*pode ser que eles aceitem, porque elas também podem jogar. Não importa que ela seja menina*”, afirmou outra aluna; “*não penso assim porque todos tem que jogar*”, afirmou outro aluno.

Ao analisarmos as falas expostas acima, vemos que o argumento do menino ao afirmar que mulheres não sabem jogar futsal desconsidera que isso não diz respeito ao gênero, mas as habilidades construídas a partir de experiências passadas, visto que, existem meninos que não sabem jogar e meninas que sabem. No entanto, reforçam o que está posto no imaginário social da população que mulheres não sabem jogar. Além disso, ao retomarmos a pergunta por nós realizada, percebemos que nós mesmos reforçamos esse imaginário ao estabelecer a pelada como algo masculino no exemplo citado. Esse fato, comprova o quanto é difícil desconstruir o entendimento de determinados espaços esportivos como sendo de um gênero ou outro.

Nessa situação, podemos trazer o exemplo da jogadora de futebol Marta, que mesmo tendo conquistado o título de melhor jogadora do mundo 5 vezes consecutivas, ser a maior artilheira da copa do mundo de futebol feminino e da seleção brasileira, não tem o mesmo reconhecimento e tratamento que é direcionado aos atletas masculinos que andam longe de atingirem suas conquistas. Assim, fica evidente que a sociedade brasileira naturaliza preconceitos com relação a mulheres e justifica muitos deles a partir de uma organização social e histórica regida pelo machismo.

Seguindo a entrevista com os alunos, problematizamos mais outra situação. Nela fizemos a seguinte exposição “José é do time masculino da escola. Ele joga muito bem futebol. Mas agora ele se identifica com o gênero feminino e quer continuar jogando. Para você, o que José deve fazer?” Na situação, os escolares tanto os meninos quanto meninas, apontam teoricamente sem exceção que José tem que jogar ou fazer o que ele quiser. Todavia, embora socialmente afirmemos que as pessoas devem buscar fazer o que elas sentirem vontade, nem sempre garantimos acesso a elas. Além disso, nós os violentamos com atitudes preconceituosas por serem diferentes.

Ainda, no questionamento seguinte, perguntamos “o que vocês pensam de uma menina quando a vê dentro de um esporte que só os meninos jogam?” Nas respostas, apenas as meninas se pronunciaram. Uma delas afirmou que “*ela é lésbica, macheira”*. Essa afirmação, bastante forte, é reproduzida em inúmeros espaços escolares e não escolares para muitas meninas que se interessam por esportes socialmente convencionados como masculinos. Assim como em algumas situações inversas são atribuídos termos pejorativos e preconceituosos a meninos que se interessam por práticas corporais socialmente designadas como femininas. Além disso, o termo traz também uma conotação sexual que traduz a atração pelo mesmo sexo. Reforça estereótipos e preconceitos. No questionamento, outras alunas se pronunciaram atribuindo a situação a ideia de normalidade.

Por fim, no último questionamento, indagamos se os alunos consideravam possível que o esporte ou qualquer outro exercício físico pudesse modular a sexualidade de um indivíduo. A maior parte dos alunos afirmaram que não, que uma coisa não está relacionada a outra. No entanto, um aluno afirmou que “*tem brincadeiras que são para homem e outras para mulher”*. Essa ideia, demonstra absorver o discurso social de separação dos espaços e oportunidades a partir da sexualidade dos sujeitos. Socialmente inúmeras discriminações são justificadas a partir da ideia do homem e da mulher e das características biológicas distintas entre esses.

Com isso, essa ideia de que meninas devem ser sensíveis e delicadas, gera grandes dificuldades ao se trabalhar o esporte na escola, visto que, grande parte das meninas ainda crescem padronizadas de tal modo que não se tem uma base motora mínima para o esporte apesar de quererem participar, o que também pode ser subsídio para a grande ausência dessas nas aulas de Educação Física.

Dessa forma, Louro (1997, p. 24) trata “gênero como constituinte da identidade dos sujeitos”. Em outras palavras, na maneira como se veste, os trejeitos, ações e hábitos particulares de cada um estão fixos dentro das “regras” do masculino ou feminino que a sociedade construiu. Então quando uma menina gosta de um determinado esporte, dominado pelo sexo masculino, a perspectiva da sociedade é que ela não pode jogar pois esse apenas é permitido para meninos. Aí começam julgamentos prévios que diz respeito a sexualidade da menina que pratica algo que a principio é “liberado”, apenas ao homem fazer.

Neste contexto e debatendo sobre Gênero, Silva (2014, p. 17) argumenta que:

Deve-se compreender, o gênero como constituinte das identidades dos sujeitos tal como raça, nacionalidade, etnia, idade, etc. Essas identidades não são fixas ou inatas, são construídas e reconstruídas nas relações sociais e de poder. Poder esse que é exercido por diversas instituições presentes na sociedade.

Com isso, o conceito de gênero e sexualidade são diferentes mas sofrem constantemente violações em seu entendimento já que as características do gênero são depositadas na prática sexual, tornando confuso e ao mesmo tempo violento as particularidades de cada indivíduo. Essa é a intensão que a pergunta 4 vem estimular. Não são os hábitos, atividades ou habilidades que dirão que a menina que joga junto dos meninos seja lésbica ou heterossexual – condição que cabe exclusivamente a ela enquanto sujeito social definir.

Portanto, segundo Louro (1997, p. 27) o que importa em considerar é que “tanto na dinâmica do gênero como na sexualidade “as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento não é possível fixar um momento”. Relações de poder modelam o nosso pensamento, devido a falta de teorias e reflexões que ampliem nossa visão de mundo. Por isso, a escola tem um papel tão importante, pois permite o discurso e a pluralidade de interpretação de temas como esses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões realizadas fica evidente que a Educação Física presente na realidade escolar deve contribuir para a formação de alunos críticos e emancipados, dispostos a lutar pela igualdade de oportunidades e acesso nos espaços sociais, especialmente, com base no debate aqui traçado, as práticas esportivas para homens e mulheres. Afinal, foi com a intenção de problematizar sobre a ideia de gênero presente nas aulas de Educação Física que foi elaborado o projeto de iniciação científica – PIBIC 2017 – 2018, com o título Meninos e Meninas: Eu posso... ela não?! Um estudo sobre as práticas esportivas na Educação Física.

Além disso, compreendemos que os debates sobre gênero e sexualidade foram e ainda são tratados como tabu por muitas pessoas nos espaços escolares, especialmente por termos a interferência das instituições religiosas de modo muito forte dentro do cenário da educação. O Brasil que se diz laico, tem suas leis e organização social presa a muitos determinismos religiosos, especialmente os que se dizem cristãos, desconsiderando inúmeras outras formas de manifestação religiosas como as de matizes africanas por exemplo.

Ao discutirmos sobre essas questões, antes de afirmarmos uma identidade padrão e única, queremos a construção de cenários democráticos, igualitários para os diferentes, ou seja, oportunizando condições diferentes para sujeitos também diferentes, mas que ao final, oportunize a todos vivenciar situações sociais significativas a sua existência, tais como os esportes.

Por fim, evidenciamos a importância da pesquisa para a identificação e problematização necessárias, pois, os discursos dos discentes demonstraram muitos preconceitos em relação a incorporação das alunas no cenário de algumas práticas esportivas, especialmente pela ideia dessas serem frágeis, o que reforça o imaginário social da mulher vista como sendo o sexo frágil. Portanto, precisamos investir em ações pedagógicas que desconstruam essa compreensão e oportunize práticas integrativas para ambos, meninos e meninas.

REFERÊNCIAS:

BEZERRA, H. P. O. Mídia-educação como possiblidade de aprendizagem e avaliação na educação física escolar. In. BATISTA, Alison Pereira et. al. **Educação Física no IFRN:** compartilhando sabres e experiências. Natal: Editora do IFRN, 2016.

CARLAN, Paulo; KUNZ, Elenor; FENSTERSEIFER; Paulo Evaldo. O esporte como conteúdo da Educação Física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica “inovadora”. **Movimento.** Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 55-75, out./dez., 2012.

FRANCO, Neil. Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades na escola. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 665-668, maio/agosto, 2016.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35,n. 2, p. 57,63, 1995.

GUIMARÃES, C. L. Questões de gênero. **Monografia.** Universidade Federal do Maranhão, São Luiz: 2010.

JAEGER, Angelita Alice. Gênero, Mulheres e esporte. **Movimento.** Porto Alegre, v. 12, n. 01, p. 199-210, jan./abr., 2006).

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MORGAN, D. L. **Grupo focal e pesquisa qualitativa.** Londres: Sage,1997

ROVERI, F. T.; SOARES, C. L. Meninas! Sejam educadas por Barbie e com a Barbie. **Educar em Revista (Impresso)**, v. 41, p. 147-163, 2011.

SILVA, Maria de Fátima da Rocha. Gênero e sexualidade: práticas pedagógicas na escola. **Monografia**. p. 43. Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira: 2014.

VIGARELLO, G. Virilidades esportivas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). **História da virilidade**. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. v. 3.